

- It. hũu calez de prata bõo.
 It. hũas galhetas de stanho.
 It. duas ambulans em que stam ho olyo é a crisma.
 It. hũa bacia pera a oferta.
 todos stes ornamentos dizem os freegeses que poseram.

livros

- It. hũu livro pistuleiro de todo o ano bem roto.
 It. hũu livro myssall domýgall e sanctall de todo o ano.
 It. hũu livro myssall domýgall pontado.
 It. hũu livro de baptizar e de encomendar velho.
 It. outro atall.
 It. hũu livro santall leçoero.
 It. hũu caderno em que sta ho officio do corpo de deus.
 It. hũu salteiro desencadernado.
 It. hũu oraçoero.
 It. hũus ferros de fazer osteas mal corregidos.

(Docs. do Convento de Christo, m. 13, n.º 1236).

Ruinas de ruinas ou Estudos Igeditanos

I

Elenco da epigraphia lusitano-romana

A) Inscripções hierologicas¹

Prologo

Por indicação superior foi-me designada, em fins de 1904, a povoação de Idanha-a-Velha, na Beira Baixa, para uma visita archeologica, em proveito do Museu Ethnologico Português. Pesaram decerto no espirito do illustre Director d'esta instituição as noticias epigraphicas que d'aquella região estavam condensadas na grande obra de Hübner, *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II.

Em verdade, estou convencido de que nenhuma outra terra de Portugal poderá disputar as palmas á velha cidade dos *Igeditani*, em profusão de lapides da epoca romana. Fanadas palmas, é certo, porque o assento de Idanha-a-Velha é hoje um escalvrado campo de ruinas.

¹ Seguir-se-hão: B) *Inscripções fimerarias*.

São *ruínas de ruínas*, são ruínas multiplicadas os dolorosos vestígios das povoações successivas que ahí devem ter existido desde a epoca lusitano-romana, pelo menos.

Tres civilizações ali se sobrepueram; mas na ruína presente se confundem, porque a mão do homem, inimigo do homem, calabreou tudo inexoravelmente, destruindo para ter de edificar, como debaixo do imperio de uma maldição, e agora detendo-se na tarefa destructiva sem nova energia para construir.

Sobre o ignoto ergueu-se a povoação romana; sobre a ruína d'esta surgiu uma cidade visigotica; em cima da aniquilação da Egítania goda e da subjugação de uma hypothetica almedina ¹ firmou-se a cidadella dos templarios; e por cima do triplice destroço d'estas civilizações, paira o descabro presente, e agoniza uma aldeola humillima e apagada.

Não ha imaginação fria e esteril que não se sinta acordar para a meditação do passado, quando em face de tão revolidos vestígios do esforço humano! Mas de quem nos queixaremos, senão de nós mesmos, humanidade incontinente e nunca saciada de devorar o seu passado? Parece que pulsam o rancor humano através das civilizações aquellas pedras tres vezes arrancadas ao seu leito!

A derradeira fase d'este odio era decerto fundamento necessario para a instituição da nossa nacionalidade, mas nem por isso é illicito relembrar o triste apanagio que é este da humanidade indivisivel e solidaria — derramar o sangue de irmãos — destruir a obra dos seus proprios braços.

Fui, pois, para Idanha-a-Velha, toponimico que assaz indica existir outra povoação de mais recente data. De facto, a séde do concelho é hoje a importante villa de Idanha-a-Nova, a duas leguas da sua predecessora. Lembram ás vezes estes casos a moralidade da fabula do leão e do asno, como podem ver.

Dentro de um perimetro de muralhas espessas e formidaveis, que uma torre de menagem, desameada, está dominando, arruam-se tortuosamente umas casas, em cujas paredes o aspecto monumental dos silhares postiços é um sarcasmo de granito, perante a modestissima vulgaridade das habitações.

Assim dormem hoje, sob aquelle manto de antiguidade, as ruínas da Idanha, que foi grande.

E é quanto me basta dizer por agora.

¹ É a inscripção da epoca de D. Sancho II, embutida na torre de menagem, que dá direito a alvitrar esta hypothese da povoação mourisca.

Os vestígios que encontrei no aro d'aquella povoação, na «campanha» da Idanha, como lá se diz, darão origem a algumas monographias, que hão de succeder a esta.

Por motivo estranho aos leitores d'*O Archeologo Português*, vou agora separar apenas de todas as inscrições romanas que lá encontrei, as que teem natureza cultural. São em reduzido numero. Mas technologicamente formam uma classe epigraphica, que ainda num trabalho mais geral teria de ser reconhecida.

É pois um capitulo de trabalho mais extenso que d'esta feita publico. Não era por aqui que eu pensava principiar, nem mesmo logicamente o devia fazer, mas assim succede por ponderoso motivo.

Antes de continuar, não em nota mas no texto mesmo, quero renovar o desempenho de um dever de reconhecimento para com illustres e generosos beirões, descendentes dos esforçados povoadores d'aquella nossa Lusitania, pela muita benevolencia com que me receberam e pelo muito agrado com que se desabraçaram dos monumentos que conservavam em seu poder, vestígios preciosos de antiguidade, que para elles tinham um quasi cunho de familia.

Não os fui espoliar; mas as lapides que lá colhi, valorizaram-se mais por virem para um museu nacional, onde ao lado umas das outras melhor se estudam, melhor se entendem, e mais alto falam da sua propria origem. Para testemunhar a sinceridade do meu agradecimento, repetirei o que em 1904, n-*O Arch. Port.*, IX, 38, escrevi, ampliando-o porém com aquisições posteriores:

Em Novembro d'aquelle anno, emprehendi o estudo dos vestígios da epoca romana existentes na região igeditanense, cujo centro era Igeditania (?) ou Egitania.

Sem os innumerados favores e auxilios de um cavalheiro de Idanha-Velha, o Sr. **João dos Reis Leitão Marrocos**, não só quasi nada conseguiria, mas ver-me-hia obrigado a alojar-me, durante algumas semanas, em casebres desprovidos sequer do rudimentar conforto de um sobrado! S. Ex.^a hospedou-me em sua casa, rodeando-me de multiplas attenções, que se por um lado são da tradição d'aquella casa e consequencia da proverbial bizzarria beirã, por outro lado tem em S. Ex.^a um cunho pessoal que seduz e sobremaneira obriga quem uma vez teve a honra, como eu, de ser alvo d'ellas. A collecção de inscrições romanas que reuni, é brilhante, e daria nome a qualquer collecção epigraphica da Europa.

O illustre e abastado «morgado de Marrocos» deixou-me ainda escolher uma collecção de vasilhas medievas, apparecidas em grande quantidade na vasa de um antigo poço da Idanha. Essas vasilhas, estou hoje convencido, serem notabilissimamente do periodo lusitano-arabico.

Como disse, as facilidades que encontrei, devo-as directamente a S. Ex.^a; indirectamente a outro generoso beirão e meu particular amigo, o Sr. **Aurelio Pinto Tavares Castello Branco**, de Val-de-Prazeres, de quem e de cuja Ex.^{ma} Familia, tambem recebi inolvidaveis provas de affecto e dedicacão.

Injustiça seria esquecer o nome do zeloso chefe da estacão do caminho de ferro em Alcains, o Sr. **Abel Cunha Mello e Silva**, pela dedicacão e solitudine com que dirigiu o delicado serviço de carregamentos, quando fiz a remoção das numerosas e pesadas pedras da Idanha para Belem.

Muitas outras pessoas na mesma região me cumularam de seus obsequios: em Medelim, o Sr. Dr. **José Pinto Taborda Ramos**, que já brindou o Museu com uma ara, onde se lê o nome de uma divindade lusitana inedita e que me hospedou bizarramente durante a exploracão da *Pedra d'Anta*; na mesma localidade o Rev. Prior **Joaquim Antonio da Costa** facilitou-me a obtenção de uma lapide e outras acquisições posteriores; e um irmão de S. Rev.^a, o Sr. **José Joaquim da Costa**, offertou outra lapide de propriedade sua, não duvidando mandá-la transportar até o logar que me convinha.

Em Alcafozes, o rico proprietario Sr. **Joaquim Capello Franco** proporcionou-me a acquisição e remoção de algumas lapides romanas, existentes naquella povoação, contribuindo para o seu transporte com vehiculos de S. Ex.^a Da sua quinta da Espadaneira offereceu duas lapides com inscrições romanas, sendo uma optimamente conservada. Teve de as arrancar ao uso que estavam prestando. Além d'isto mais brindou o Museu com um denario do Cabeço dos Mouros, uma machadinha de fibrolite e um objecto antigo de latão.

Em Monsanto, alem de obsequios prestados pelo Rev. Prior e meu antigo companheiro em Coimbra o Rev. **Joaquim Vaz de Azevedo**, devo ao Sr. **Sebastião Henriques**, da Chã de Touro, uma arazinha inedita com outro nome de divindade lusitana.

Ao filho do Sr. morgado de Marrocos, o Sr. **Antonio dos Reis Marrocos**, devi as facilidades com que adquiri outra lapide na Bemposta e o conhecimento e visita de uma anta nas margens do Aravil, por intermedio do Sr. Dr. **Sebastião Conde**.

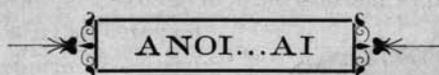
Em Proença-a-Velha foi offertada ao Museu uma lapide votiva que estava em predio da Ex.^{ma} Sr.^a D. **Christina de Meneses Pita e Castro**, a quem em logar competente renovo os agradecimentos que S. Ex.^a já recebeu tambem por officio da Direcção; o Sr. **José Claro**, 1.^o cabo da guarda fiscal tambem cedeu um bello machado de ferro, romano talvez, encontrado no Cabeço dos Mouros.

Nas Aranhas (Penamacor) o zeloso e intelligente professor Sr. Honorato Pereira offereceu um pedaço de lapide, uma machadinha pre-historica e um peso romano.

O valor dos serviços prestados por estes cavalheiros é para mim tanto maior, quanto é certo que todos os beneficios redundam em favor de um estabelecimento do Estado, qual é o Museu Ethnologico Português, estabelecimento ainda não inaugurado, nem então aberto ao publico, e que portanto S. Ex.^{as} não conheciam nem visitaram, guiando-se apenas pelas minhas informações da occasião.

Estou certo de que ao reconhecerem, no dia em que puderem visitar o Museu; os objectos que lhes são devidos, condignamente expostos, hão de sentir orgulho e desvanecimento por verem confirmada a confiança que em mim depositaram e justamente apreciados os seus actos de generosidade.

I



Este fragmento de árula de granito, mede de altura 0^m,17 e de lado 0^m,09. É de secção quadrada.

O seu estado de degradação mal permite ler:

·ANOI

AI

O começo d'esta palavra tem parentesco com palavras já conhecidas pelos celtistas. Assim em Holder, *ob. cit.*, encontra-se:

Anoc-it-icu-s; *Corp. Inscr. Lat.*, VII, 504. É um deus Anocitico.

Anoniredi, vem no *Corpus*, XII, 285; outro deus no dativo.

Anunus, nome de homem.

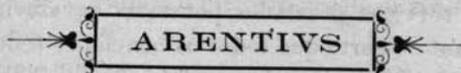
Annoan, em Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 4976, 1.

Estes cotejos não tornam impossivel a leitura inicial da 1.^a palavra da epigraphe. A 2.^a linha poderia ser *aecus* ou *aicus*, a julgar de alguns vestigios.

Provém de Monsanto.



II



ARENIO
S V N V A
CAMALI · F
V S L M

ARENTIO
S V N V A
CAMALI · F (*ilius*)
V (*otum*) S (*olvit*) L (*ibens*) M (*erito*)

Tradução:

Ao (*deus*) Arencio, Sunua, filho de Camalo, seu voto cumpre satisfeito pelo favor.

Ara que mede de altura 0^m,49, largura 0^m,33, espessura 0^m,17 e 0^m,26, e procede do Chão do Touro, arredores de Monsanto. Encontrei-a no pateo da casa do Ex.^{mo} Sr. Sebastião Henriques, que a meu pedido com ella presenteou o Museu Ethnologico Português em 1904.

Foi já publicada nas *Religiões da Lusitania*, II, 322¹, mas entra, por direita razão, nos meus inéditos.

As letras da 1.^a linha tem de altura 0^m,55 e as da ultima 0^m,025. Tanto acêrca d'esta pequena inscripção como de outras, absteinho-me de tentar a determinação da sua antiguidade. A não haver uma ou outra letra caracteristica, cuja paleographia não possa ser recuada alem de certo limite, é

quasi sempre arriscado, em monumentos romanos das provincias, tirar conclusões precisas da fórma especial dos caracteres. A impericia dos canteiros assinalada pela sua falta de educação profissional e a ausencia de paradigmas por assim dizer officiaes nestas regiões de Roma afas-



¹ Veja-se tambem *Arch. Port.*, XII, 177.

tadas, subtraem grande parte do valor a taes illações. Todavia creio que dentro de uma povoação, como foi o nucleo da *civitas Igeditanorum*, onde a abundancia de lapides é tal que permite suppôr a existencia de lapidarios profissionaes e onde se encontram monumentos epigraphicos de alta correcção paleographica, as conclusões chronologicas poderão ter tal ou qual precisão. O presente cippo, embora pertença aos Igeditanos, não foi porém encontrado na area da povoação capital, mas em logar bastante afastado e antes muito proximo do actual Monsanto. E a verdade é, quanto a elle, que não contém letra alguma onde se possa firmar uma opinião chronologica, com algum rigor.

O que é certo é que esta ara granitica é uma das mais bellas e de letreiro melhor conservado.

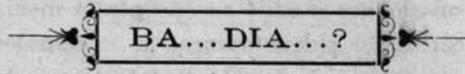
O Sr. Dr. Leite de Vasconcellos escreveu já acêrca d'ella nas *Relig. da Lusitania*, II, 322, que o vocabulo ARENTIVS, apesar da sua feição alatinada, deve ser como o das outras personagens do monumento de procedencia celtica ou barbara. Posteriormente a este meu achado, o Sr. Tavares de Proença Junior, infatigavel explorador do districto de Castello Branco, editou um monumento que veio valorizar o do Museu Ethnologico. Foi uma ara em que nos surge este facto que creio ser apenas o segundo na hierologia lusitano-romana conhecida, o unico porém subsistente: um deus e uma deusa com o mesmo onomastico de origem preromana¹.

O nome do dedicante SVNVA não é inedito, e Holder considera-o de origem celtica. Castello Branco, Viseu, Carquere e Coria são as procedencias d'esta palavra². Junte-se mais Monsanto da Beira. Póde ser masculino ou feminino. CAMALVS, mais commum na Gallecia, é tambem olhado como celtico. Aqui temos pois uma ara radicalmente extra-romana.

¹ Vid. *Arch. Port.*, XII, 177.

² Hübner, *Corp. Inscr. Lat.*, II, 410, 784, 785, 886 e 5577, e *Arch. Port.*, XII, 172.

III



MVN DI · ICAED
BAPIA

MV[N]DI(lla?) · IGAED(*itanus*)
BA??IA
[V · S · L · A ·]

Tradução:

Ao (*deus ou deusa?*) Ba $\left. \begin{matrix} p \\ d \\ r \end{matrix} \right\}$ ia Mu(n)di(lla?) *igeditano* [*satisfeito cumpre um voto...*].

Fragmento de ara de granito; mede na maior largura 0^m,37; altura 0^m,22; espessura 0^m,26. Provém de Monsanto. O estado em que o Museu Ethnologico adquiriu esta ara torna de extrema dificuldade a sua leitura na parte que subsiste. Eram dois pedaços de granito que se justapunham é certo, mas em que as fracturas damnificaram letras hypotheticamente substituíveis.



A 1.^a linha da epigrapha está em uma moldura da cornija.

A 1.^a palavra começa por MV... e termina (provavelmente por abreviatura) em DI... Isto é o que se vê.

Da terceira letra d'esta palavra existe a parte superior formada por um angulo agudo, como para um M ou N. Poderia tambem suppor-se ahi um A, que viria depois do V, e para isso alguns exemplos se

obteriam (SVNVA, BANDVA, SAVR...), mas a essa letra deveria seguir-se outra, que é a destruída, e que neste caso só poderia ser das vogaes o E (para o I sobejaria assim espaço) e das consoantes L N R. O resultado d'esta hypothese é tão pouco accetivel que me inclino para a outra; isto é, deve suppor-se ali M ou N.

Como M ou N só mal pôde ser, resta adivinhar a letra, que tem de occupar o espaço que duvidosamente agora se encontra antes do D. Essa seria provavelmente I; se para alguma vogal ha lugar, não poderia ser outra. E das consoantes, qualquer que fosse, produziria um grupo inadmissivel.

Alem de M, a letra incompleta pôde ser um N. Nesta hypothese, a letra que se seguiria, se alguma fosse, tambem não poderia deixar de ser uma vogal. Teriamos pois chegado a estas conclusões para a 2.^a syllaba da 1.^a palavra; MI¹, NA, NE, NO, NV, sem excluir NI, d'onde resultam as fórmas incompletas de MVMIDI... MVNADI... MVNE-DI... MVNODI... MVNVDI... MVNIDI...

Digo fórmas incompletas, porque assim as reputo com esta insolita terminação, dada a provavel syntaxe da inscripção. Quasi é inadmissivel um nominativo de plural, seguindo-se um ethnico ICAED(*itan...?*) e igualmente inadmissivel um genetivo do singular. Este nome incompleto deve ser o nome do dedicante da ara, pois que, e logo o veremos, de uma ara se trata. Quanto á terminação subentendida, poder-se-ha pensar em CVS, CIVS, AICVS, AECVS, IVS, ATIVS, ou analogos. E, tocante ao principio da palavra, as analogias acenam que temos aqui um nome indigena, isto é, preromano.

No *Corp. Insc. Lat.*, II, 2523, é cotejavel com o nosso caso o nome de AEGIAMVNIAECVS. Mas não são raros os *nomina* MVMIVS ou MVMMIVS em ambos os generos, encontrando-se tambem MVNATIVS e MVN(atius), MVNDICIVS² (id. 1620) e MVNNIVS. Dos *cognomina* separo estes de analogo radical: MVNERIGIO, MVNILLA, MVNNA, MVNVS, e MVNIGALLO. Como prova da plausibilidade de uma das minhas hypotheses, cito do *Corpus*, II, o n.º 6091, onde leio um *C. Anthraci* NEDYMI, de Tarragona. Mas no *Corp. Inscr. Lat.*, v, 3183, vem um nome que tambem parece acertar aqui e, por não ser elle invenção, ouso restituir: MVNDILLA; é da Alta-Italia.

Nos *Mon. Ling. Iber.*, encontra-se MVNIAMIA, que Hübner compara a MVNIGVA (oppido), MVNVS, MVNNA, MVNIGALIVS,

¹ Antes do D a fractura parece coincidir com o sulco vertical de um I. Esta presumpção pôde sommar-se com as outras razões apontadas no texto.

² Este termo adapta-se bastantemente bem.

nomes de homem. No Holder (*Alt-Celtish. Sprach.*) encontram-se também referidos os nomes de pessoas MVNDIacos (que vem de MONDIVS), MVNIGALLVS, MVNNIVS e MVNINI-ELIA (ligurico), além de outros que são topicos, mas nem por isso deixam de revelar composição analoga.

Para a terminação que suggiro, bastar-me-ha lembrar que DVR-BEDICVS poderia autorizar um presumptivo MVNEDICVS, e que em presença de algumas das palavras referidas podia ainda propor-se MVNEDIMVS, MVNEDICIVS, etc.

Creio não se poder duvidar de que a parte subentendida da palavra immediata é ITANVS e que ICAEDITANVS vale o mesmo que IGAEDITANVS, como na ara de Trebaruna, aliás da mesma região (*Relig. da Lusitania*, II, 299).

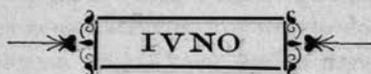
A 2.^a linha da inscripção é constituída por uma só palavra e occupa já o fuste da ara.

Confesso que no meu exame da pedra não resisti a ler naquelles mutilados vestigios de letras a palavra, completa ou incompleta, BANDIA¹... Sempre suppus que era problematica a 3.^a letra e só o não eram as duas primeiras e as duas ultimas. De uma vistoria feita, porém, em companhia do Sr. Dr. Leite de Vasconcellos, resultou que a 4.^a letra só se pôde considerar P, R ou B, e que portanto o nome da divindade é inedito. Se fosse *Bandia*, lembro que ella não constituia novidade na terra dos Igeditanos, de onde já temos BANDIARBARIAICVS (*Relig. da Lusitania*, II, 321) e BANDIAPOLOSEGVS «Sur les cultes péninsulaires», pelo Sr. Adolpho Coelho, in *Comptendu du Congrès de 1880 à Lisbonne*, p. 444.

Pareceu-me sufficientemente demonstrado que a syntaxe e o formulario epigraphico d'este titulo votivo consistem: 1.^o, no onomastico do dedicante, seguido de seu ethnico; do dativo da divindade preromana e local, e implicitamente da formula dedicatoria ou clausulá final V · S · L · A, ou outra. Nas lapides de Endovellico, Ataegina e Proserpina (*Relig. da Lusitania*, II, 122, 150, 154) ha formulas analogas.

¹ Vid. *Relig. da Lusitania*, II, 321 e 338.

IV



IVNO
NICA
BVRA
.....VI

IVNO
NI CA
BVRA
...VI

..... [F(ilia) V(otum) S(olvit) L(ibens) A(nimo)].

A *Juno, Cabura*, (filho de, contente satisfez o seu voto). Este pequeno monumento de granito era um prisma rectangular sobrepujado por uma pyramide baixa. A altura de que resta é 0^m,33; a largura e espessura 0^m,16. Procede de Monsanto.

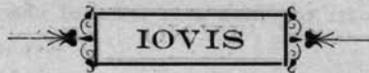
Nesta ara uma divindade romana recebia um voto de um habitante da Lusitania romanizado. *Cabura* se chamava esse prosélito da deusa Juno. Não é conhecido na Hispania semelhante onomastico de pessoas, mas é-o na Gallia. Holder, s. v. *Caburus*, cita um passo de Cesar (*De Bello Gallico*, I, 47, 4), em que o general romano refere um C. Valerius, *Caburus*. Temos pois aqui o feminino inedito *Cabura*.

Ao nome do dedicante seguir-se-hia a filiação. Se aquelle não era romano, menos o progenitor.

Portanto o genetivo, do qual na ara resta um VI, deveria pertencer a um nome tambem preromano em que, por necessidade do espaço, aquelle grupo de letras fosse precedido de duas apenas, e nem todas se accomodam naquelle espaço. A fractura da pedra é obliqua e parallelá a uma haste do V, por fórma que só as letras A, I e L poderiam estar antes d'aquella. Apesar d'esta limitação, ignoro se a palavra terminava em VI genetivo seguido de F(*ilia*) ou tinha mais de duas syllabas. Seria pois de base muito fallivel qualquer nome que eu lembrasse de entre os que são conhecidos, podendo ainda dar-se o caso de ser inedito.



V



IOVI·CRHYSERIS
 IGEDITANOR^v M·LIB
 V·L·S·
 (E. Hübner)

IOV[I]
 CHRYSE
 ROS·ICA
 EDITANO
 RVM·LIB(ertus)

V(otum) L(ibens) A(nimo) S(olvit)

A Jove, Chrisero, liberto dos Igeditanos, contente cumpre um voto pelo obsequio.

Esta lapide foi conseguida para o Museu Ethnologico por intervenção do Sr. Tavares de Proença e cedida pelo seu dono o Sr. Antonio Ferreira da Trindade, aos quaes aqui consigno sincero agradecimento. A inscripção está gravada numa das faces de um parallelepido de granito, mutilado na parte superior e munido na inferior de algumas molduras, que corresponderiam á base de uma ara. Como este monumento não deu ainda entrada no Museu Ethnologico, não posso dar d'elle uma imagem photographica.

O que é curioso é que esta ara é um monumento resuscitado! Effectivamente a epigrapha respectiva foi já publicada por Hübner, no *Corpus*, II, 435, e depois d'isso perdeu-se, reaparecendo em 1905 numas ruinas soterradas, junto de Monsanto¹.

Chryseros é o nome do proselito. Tem repetições na peninsula e até na Lusitania (*Arch. Port.*, VI, 118 e IX, 276). O lapidista fez uma metathese de letras com o H e o R.

O que torna valiosa esta ara é o ethnico *Igeditanus*, tendo ella apparecido na região igeditanense. Tem desaparecido varias lapides, publicadas por Hübner, que continham o mesmo attestado de origem. E a raridade é um dos melhores factores do merecimento das antigualhas.

Outra especialidade d'esta epigrapha é ser *Chryseros* liberto, não de um cidadão, mas de um povo (*Igeditanorum libertus*). Não havia

¹ A nota de Hübner é: *Idanha in quodam sacello in agro!*

só libertos de cidadãos romanos, mas de outras entidades, como dos collegios, dos templos, das colonias, dos municipios e do proprio povo romano. Ignora-se a data e o nome da lei que autorizava as cidades a darem alforria aos seus escravos. Ao liberto dos Igeditanos deu-se um nome de procedencia grega, como emfim á generalidade dos seus companheiros.

Na nossa epigraphia creio ser a primeira epigrapha que menciona este facto social: um liberto, cuja alforria promana do diploma de uma *civitas*, á qual ellé pertencera como escravo.

Tudo isto são symptomas de que as ruínas de Idanha-a-Velha o são de uma grande povoação romana, onde a civilização material e social d'esta epoca produziu as suas manifestações de toda a especie no meio de uma população culta. As inscripções dir-nos-hiam tudo, se as pudessemos ir arrancar aos edificios modernos construidos á sua custa, ou, o que impossivel é, ao aniquilamento das que a marreta do pedreiro estilhaçou.

MCM

A. D.

1884

A. D. M. C. M.
 CONSERV.
 ATOR III.
 ENRVS 20
 M. CEINI
 A. D. LXX

VI

—  IOVIS CONSERVATOR  —

IOVI · O · M ·
 CONSERV
 ATORI · RE
 BVRRVS

 A U L

IOVI · O(*ptimo*) · M(*aximo*)
 CONSERV
 ATORI · RE
 BVRRVS

 A(*nimo*)... L(*ibens*)...

A Jupiter Optimo Maximo Conservador, Reburro...

Esta ara testifica quanto damno causa o zêlo indiscreto das anti-
 guidades.

Como logo se vê, está adulterada nas suas 3.^a, 4.^a, 5.^a e 6.^a linhas. Todavia, para que o desacato não fosse superior á sagacidade dos vindouros, a mão sacrilega pôs *monumental* empenho de, numa face do altar pagão, gravar este corpo de delicto:

REST
 A · D ·
 1834

As gerações agradecem tão elucidativa informação!

Se os vestígios ainda existentes em 1834 não nos tivessem sido destruidos, talvez com alguma paciencia a parte mal perceptível da inscripção pudesse ser restituída.

IOVI · O · M
 CONSERV
 ATORI · IUL ·
 E · V · R · R · V · S · O
 M · GEINI
 A · U · C · D · L · X · X ·

Da fôrma que se vê, porém, é impossivel.

A ultima linha é que parece original do interprete de 1834. Não ha nenhum exemplo d'esta datação no vol. II do *Corpus*; indubitavelmente o U é intruso, como o outro da 3.^a linha, e a data 570 é absurda, visto que sendo o monumento do sec. I ou II, devia ser 754 a 954 a. u. c.

Presumo que algumas letras da ultima linha, na hypothese da epigraphe terminar com algum A(*nimo*) L(*ibens*)

ou EXV(oto), etc., poderiam ter sido aproveitadas para aquella exquisita interpolação da data.

A ara proveio do Valle da Lagoa, sitio proximo da povoação de Escallos de Cima. Ali ha vestigios de antigo centro de população, sepulturas, moedas, tegulas. Uma lucerna vi eu na posse do Sr. Joaquim Manoel Hortas Botelho, distincto cavalheiro que tambem é proprietario do presente monumento, a quem agradeço ter-me consentido o seu exame, abrindo-me as portas da sua casa.

A altura da pedra são 0^m,65 e a largura 0^m,29.

REBVRVRS pertence, segundo Zeuss e D'Arbois de Jubainville, ao patrimonio celtico, significando pessoa com o cabello naturalmente encarapinhado ou eriçado (Holder, que tambem diz cfr. *Caburrus*, *Caburus*).

Da mesma região, senão do mesmo sitio, procede outra ara a Jupiter Conservador, ara cuja epigraphe foi publicada pelo Sr. Tavares de Proença Junior, n-*O Arch. Port.*, VII, 176.



VII

MARS

BASSVS ◊
 TANGINI
 MARTI ◊
 V ◊ L ◊ S

BASSVS
 TANGINI (*filius*)
 MARTI
 V(*otum*) L(*ibens*) S(*olvit*)

Basso (filho) de Tangino, cumpriu satisfeito um voto feito a Marte.
 Fui encontrar esta ara embutida no paramento da ponte de Ponsul, proximo da Idanha. Mede de altura 0^m,74; largura no corpo 0^m,315; espessura 0^m,26; na parte inferior a maior largura são 0^m,45.



Tem um amplo *foculus* em quadrado.

Perfeita na conservação, concisa no estilo. Este ultimo predicado faria recuar aos tempos do melhor estilo a antiguidade d'este monumento. Não sei porém se a paleographia consentirá essa illação.

É sabido como Marte era um deus muito acreditado na bellicosa Lusitania.

Se TANGINVS era onomastico celtico (*Tang-inö-s* em Holder) não assim BASSVS, seu descendente romanizado. Aquelle é muito frequente na epigraphia igeditanense, como

veremos; este tambem não é raro nas inscrições hispano-romanas.

A ara é de granito e as palavras tem *hederae distinguentes*. Letras e interpontuações conservam vestigios do minio com que foram rubricadas¹. Está no Museu Ethnologico.

¹ É pasmo como tantos seculos (apesar de algumas deducções a fazer) a tinta resistiu aos agentes de erosão! Na colleção igeditanense ha mais lapides nestas condições.

VIII

REVELANGANIDAEIGVIS

RECTVS

RVFIF

REVE

LANGA

NIDAEI

GVI·V·S

RECTVS

RVFI·F(*ilius*)

REVE

LANGA

NIDAEI

GVI·V(*otum*) S(*olvit*)

Recto, filho de Rufo, cumpre um voto feito a Revelanganideiguo.

Esta ara, que é de granito homogêneo e branco, apenas mosqueado de preto, foi encontrada em excavação ordenada em 1904 pelo Sr. Dr. José Tabora Ramos, proximo a Medelim. Com ella appareceram, a 0^m,75 de profundidade, mais duas aras, bastante apagadas, ambas com 0^m,36 de altura. Offerecidas pelo seu proprietario ao meu amigo o Sr. Tavares de Proença (Junior) serão certamente publicadas, aguardando eu esse facto para as poder incluir numa futura compilação ou *Sylloge* igeditanense.

Visitei o local e confesso que nada podia indicar a existencia de monumentos soterrados d'esta especie. A destruição do templete que ali deve ter existido outrora foi de não ficar pedra sobre pedra, e ainda por cima sobreveio uma potente camada de terra niveladora. A ara presente tem uma fractura transversal ao meio, e mede de alto 0^m,68 e de largura no campo da epigraphie 0^m,21. No alto vêem-se uns rudimentos das almofadas (*ansae*-Marquardt) que ornam alguns d'estes monumentos; a base é larga.



Estas circunstancias fazem-na parecer assaz elegante. Com ella brindou o Museu Ethnologico o seu proprietario; ao qual pois competem todos os protestos do nosso reconhecimento.

O texto da inscripção e a gravura do monumento foram intercalados nas *Religiões da Lusitania*, II, 323, pelo seu autor e meu amigo; por obvios motivos, ali mesmo declarados, incluo esta ara na minha serie de ineditos.

A primeira palavra da epigraphie é, apesar da sua semelhança com o vocabulo latino, de procedencia celtica (Holder). A epigraphia lusitano-romana conta-a no seu cadastro, bem como a immediata RVFVS, tambem provavelmente celtica segundo aquella autorizada compilação, o que aqui se comprova, visto que é o pae de RECTVS.

O que dá porém a este monumento foros especiaes é o onomastico da divindade indigena. A leitura pareceu ao Sr. Dr. Leite de Vasconcellos ser REVELANGANIDAEIGVI; o monumento que adeante publico vem confirmar esta leitura na parte que offerecia duvida. Esta divindade parece que deve ser considerada de origem pre-celtica, o que lhe dá singular valor.

Nos *Mon. Ling. Ibericae* (CX) e no *Corp. Inscr. Lat.*, II, 685, vem um nome cujo radical apparenta formal identidade com o da ara presente; é elle *Reveanabaraecus*. A sobreposição da civilização celtica a outra anterior, cujo amalgama corresponde ao que recebeu a denominação de celtiberico, é um facto que não só se realizaria no sangue mas nas instituições; e por aqui se vê, creio, que uma divindade como esta atravessou tres civilizações successivas, pois que a vamos surpreender pela glottologia numa epoca anterior á invasão celtica (veja-se Holder, *ob. cit.*, s. v. *Reveanabaraecus*) e pela epigraphia em pleno periodo lusitano-romano. Estes nomes de divindades pre-romanas, reveladas nas inscripções, são muitas vezes extensos e provavelmente compostos; pelo contrario, o onomastico de pessoas não apresenta a mesma feição agglutinativa.

Ao nosso ouvido, embora incapaz de discernir e sentir differenciações linguisticas de um glossario tão remoto, como hoje póde notar a diversidade do italiano e do inglês por exemplo, sôa differentemente *Camalus*, *Reburrus*, *Rufus*, *Tongius*, por um lado, e por outro *Revelanganidaeiguis*, *Bandioilienaicus*, *Tiauranceaicus*, *Cusuneneoecus*, palavras verdadeiramente arrevezadas¹. Não pretendo eu decifrar este

¹ Na Gallia alguns nomes de homens contemporaneos de Cesar tambem affectam uma extensão tal que facilmente se poderão considerar agglutinações.

difficil enigma, senão lançar aqui esta grosseira observação que até pôde por isso mesmo ser errada. Não indicará este facto uma divergencia de fundos linguisticos?

Da mesma fôrma, sem ousar decompor esta singular palavra, porque para o fazer conscienciosamente me falta a educação de espirito adequada, indico apenas estas analogias: a do primeiro elemento componente REVE... nas duas expressões *Revelanganidaeiguis* e *Reveanabaraecus*; o provavel parentesco entre a parte média—*langa*... e *Lango*... de *Langobriga* (Holder)¹; a afinidade da terminação—*wigu-is* com—*eicu-m* (Holder); a existencia do grupo iberico—*-ei*, v. g. em *An-cieicu*... (Holder), e segundo o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos a identidade da desinencia *-is* na nossa divindade e em *Caraedudis* (*Religiões da Lusitania*, II, 323).

Isto porém não são mais do que hypotheses, cuja razão de ser me julgo incapaz de fundamentar. Poderei ainda observar que, pela syntaxe da epigraphie, se reconhece que esta desinencia *ui* é de dativo e assim pensa Hübner (*Mon. Ling. Iber.*, CXXXVIII). Todavia Fidel Fita, no *Boletin de la R. Acad. de la Historia*, xxv, 269 sgs., parece entender que o nome proprio *Alorildui*, bem como as terminações patronimicas *erui* de uma inscripção, devem ser considerados nominativos. No mesmo estudo, porém, os nomes *Iqnukiui*, *Oklasui*, *Ylarqui* e *Olkenui*, extrahidos de Hübner, não podem deixar de estar em dativo, como na ara de Medelim.

¹ Tambem ha *Langa*, um animal. Parece que em algumas lapides a decomposição d'estas palavras corresponde á divisão das linhas ou versos.

Aqui justifica-se isto em REVE e em LANGA-NIDAE ao lado de LANGA-NITAE... da lapide seguinte.

IX

—  REVELANGANITAECVS  —

...VELANGANITAECO
T·HOSTIA DELIGANDA
...VCANVS·ADIEI·F·

[DEORE]VELANGANITAECO
[EX·V·(oto)DA]T·HOSTIA(m) DELIGANDA(m)
[L]VCANVS·ADIEI·F(*ilius*)



Esta lapide de granito póde ser em mãos peritas uma das mais fecundas em resultados. Confesso que ella é superior á minha competencia, mas, pertencendo-me a sua descoberta archeologica, não posso eximir-me a dizer d'ella o que souber. Em primeiro logar, ella é uma simples silhar sem enfeite algum, e póde ter pertencido a uma construção maior ou menor, a um templo ou a um simples altar. O seu comprimento é de 0^m,86, altura 0^m,39 e espessura 0^m,18. Os caracteres, de bastante pureza, afiguram-se-me do principio do sec. I, apresentam vestigios de minio. Á generosidade de uma illustre senhora, tão digna pela sua posição como pelo seu esclarecido espirito, deve hoje o Museu Ethnologico Português a posse d'este importantissimo monumento, que se encontrava embebido no aparelho externo de uma casa da povoação de Proença-a-Velha (concelho de Idanha-a-Nova), pertencente á Ex.^{ma}

Sr.^a D. Christina de Meñeses Pita e Castro¹. Vi-a em 1900, mas só em 1908 deu entrada no Museu, tendo-se graciosamente incumbido do seu apeamento e despacho o Sr. Augusto Antunes Rocha, a quem também agradeço.

O nome da divindade tem tal semelhança com o do monumento anterior que evidentemente se não trata de outra; contudo, a divergencia de suffixo póde ter importancia. Não ha duvida que REVELANGANI-TAECVS era um deus masculino. Mas o seu onomastico apresentava feição adjectival, o que aliás em outros acontece, affirmando-se esse phenomeno na anteposição do substantivo *Deo*, como em *Deo Endovellico* (*Religiões da Lusitania*, II); *Deo Turiaco* (*ibid.*, II, p. 324). Diz o illustre autor d'esta obra que isto corresponde a uma concepção divina de caracter muito primitivo.

Esta palavra tem uma terminação já conhecida em nomes hispanicos, *-acus*. Sobre ella tem dissertado glottologos nacionaes e estrangeiros. Aparece mais uma vez. Se porém cotejarmos esta desinencia *it-acu-s* com a da outra ara *id-aegu-is*, cuja afinidade com *eicu-m* é accentuada por Holder, poderemos talvez relacionar entre si esta triade de terminações, attribuindo á da ara de Medelim uma feição primitiva ou mais antiga e á de Proença o caracter de uma modificação determinada pela intervenção do idioma dos conquistadores. A ser assim, teriamos nestas duas novas palavras dois momentos evolutivos não direi do mesmo idioma, mas da linguagem do mesmo povo. Seria mais um phenomeno de substituição linguística, do que de transformação produzida por força de leis philologicas. Uma terceira phase d'esta evolução estaria numa desinencia inteiramente latina *-ensis*, como eu propus no *Arch. Port.*, XII, 50, nota 2, a proposito de *Tiauranceaicus*, cotejado com *Castlosaicus* e *Castulonensis*. Isto porém não passa de hypotheses um pouco fóra-de-portas, que um simples sôpro da philologia derrubará.

O problema verdadeiramente embaraçoso nesta epigraphie é a sua restituição. Começando pelo exame material da inscripção, creio poder-se assinar a verdadeira extensão da primeira linha, deduzindo d'ahi que essas linhas não eram extensas e que para conservar a disposição simétrica das outras poder-se-ha calcular aproximadamente o numero de letras que faltam. Isto auxiliará a decifração, embora não seja eu

¹ Nesta povoação encontram-se ainda alicerces e outros vestigios das antigas muralhas. A ara anterior appareceu não longe d'esta povoação e entre ella Medelim.

quem a jure. Assim, pois, quanto á primeira linha poder-se-ha admittir, a exemplo de outras inscripções, que ella seria

[DEO RE]VELANGANITAECO

Partindo d'esta base, ainda assim hypothetica, dediquemos ao segundo verso ou linha algumas reflexões. O que nella subsiste é:

...T HOSTIA DELIGANDA

A primeira letra está incompleta, é certo; mas, vendo-se d'ella o traço superior e um resto do apice da base, não póde offerecer duvida a sua restituição.

As duas palavras immediatas estão apparentemente em nominativo ou ablativo do singular. Comtudo um nominativo, em epigraphie votiva, só póde ser o dedicante, e o nome d'este teve logar na 3.^a linha (LVCANVS); póde concluir-se que acolá temos um ablativo? Consultando os formularios communs das inscripções d'este genero, não se encontra a razão de ser de um ablativo naquella altura; tendo pois de o acceitar, esta lapide sairia dos moldes habituaes epigraphicos.

Em primeiro logar, a disposição simetrica das linhas acena que, antes do T mutilado da 2.^a linha, haveria cabimento para cinco ou seis caracteres, e a este estalão sujeitarei as minhas hypotheses.

O grupo HOSTIA DELIGANDA, considerado como grammaticalmente exacto, deve estar, como já mostrei, em ablativo; e para este caso proporei uma restituição. Não será, porém, extravagancia presumir ali a existencia de um accusativo, em que a phonetica popular supprimiu o *m* final. Quasi não se podem contar d'isso os exemplos. Nas *Religiões da Lusitania* (II, 299 e 332), vêem-se dois proximos. Mas nos tomos do *Corpus* a colheita é muito grande. No vol. II podem verificar-se nos *Indices*, p. 1188.

No vol. VIII, que respeita á Africa romana, em muitas epigraphes o latim vulgar revela-se nesse phenomeno; pela persistencia com que se repete numa mesma inscripção, aqui transcrevo parte da que tem o n.º 8246:

D(is) b(onis) s(acrum) | C. Afronius | Secundus Sa | cerdos agnu(m) do | mino tauru(m) domi | no ovicula(m) Matrisci | berbece(m) Jovi | ovicula(m) Teluri | agnu(m) Herculi | agna(m) Veneri | edu(m) Mercurio | verbece(m) Testimonio.

No vol. XII, relativo á Gallia, o mesmo factio não é raro. Dispenso-me de transcrições.

Isto admittido, a restituição epigraphica é diversa e mais simples que na hypothese do ablativo; creio mesmo que é tambem a mais plausivel.

Antes de figurar as duas hypotheses precisamos, porém, ver o alcance archeologico da expressão HOSTIA DELIGANDA. Na farta obra de J. Marquardt, intitulada *Le culte chez les Romains*, hauri os esclarecimentos que apresento.

Os animaes sacrificados nas aras romanas eram *hostiae* e *victimae*; estas tiravam-se do gado maior, aquellas do mais meudo. Não se sacrificava indifferentemente a uma determinada divindade qualquer animal: havia regras explicitas e muito minuciosas, relativas á idade do bicho, ao seu sexo e ás suas qualidades; pelo que, designada a especie, o exame versava depois sobre o seu aspecto, devendo ser sacrificado só o exemplar que não tivesse defeitos (*hostia pura et immolationi apta*) e que, de entre varios, fosse julgado o melhor. D'esta verdadeira prova do animal (*probare*) resultava pois a sua escolha para o sacrificio (*hostia optata*). Não me deterei em repetir o que era exigido aos agentes do sacrificio, a começar na sua prévia purificação até aos rigores do ritual na exacção das preces, na postura e silencio dos assistentes, etc. Tudo estava tão subtilmente regulado como hoje, *mutatis mutandis*, na liturgia christã. E era tão grave este ritual que os sacrificios solemnes do Estado eram precedidos de um sacrificio expiatorio (*hostiae praecidaneae*) destinado a applacar a irritação divina por alguma irregularidade que sobreviesse.

O animal eleito para o acto religioso era ornado de *infulae* e *vittae*. Aquellas eram, no dizer de Festus, *filamenta lanca quibus sacerdotes et hostiae templaque velantur*. Com as *infulae* enfeitava-se a cabeça do animal, enrolando-lh'as¹; as *vittae* pendiam multicolores do corpo da victima. Terminada esta cerimonia preliminar, era o animal conduzido para junto da ara por um assistente², cujo nome fosse de bom auspicio no caso sujeito. Cicero escreveu: *bonis nominibus qui hostias ducerent, eligebantur*. Seguia-se a *immolatio*, que propriamente consistia na polvilhação da victima com a *mola salsa* e na aspersion de uma taça de vinho. Só depois d'esta complicada liturgia é que o animal era abatido, e para esta mesma cerimonia havia regras³.

Exemplo recente na *Revue épigraphique*, 1907, est. XVI, p. 198.

² Ha no Museu Ethnologico uma pedra com um baixo relevo algo delido, em que todavia se reconhece este acto.

³ A *mola salsa* era uma farinha de trigo addicionada de sal e confeccionada pelas mãos puras das Vestaes.

Ninguém supprá que todo este ceremonial fosse invento dos romanos. Eram cultos antigos que mais ou menos se reformavam e complicavam, sobrevivendo, mas cujo fundo era certamente preromano e até podia ser exótico.

A que acto, pois, se podem referir as palavras da epigrapha *hostia deliganda*? Fosse elle qual fosse, não se póde harmonizar o sentido d'esta expressão senão com um acto anterior á morte da victima, ao sacrificio derradeiro do animal. Se, porém, este *deliganda* se reporta ao enfeitar com as faixas e as fitas variegadas, se á prisão com quaesquer ligamentos no acto da morte para a segurança do golpe ou da pancada, mal sei. O uso d'aquelles adereços póde já ser symbolico. Pela fig. 4058 do *Diccionario* de Saglio & Daremberg, parece que as

infulae tambem serviam para segurar a victima, mas creio que o seu mister era ornamental, embora tradicional.

O que se póde pensar é que se fale, na inscripção, de uma victima que *havia de ser atada ou ligada*; tal é a traducção do participio. E do contexto ou da syntaxe da formula parece deduzir-se que o voto de Lucano consistia á letra apenas na apresentação ou offerta do

animal sacrificando. Não se trataria de um sacrificio consummado, mas de um voto que abrangesse apenas um acto preparatorio do sacrificio.

Devo ainda dizer que sempre se emprega o verbo *immolare* e as palavras d'ahi derivadas para designar a morte da victima, e todavia a *immolatio* era apenas um episodio liturgico anterior.

Analogamente, no presente caso, poderia o dedicante Lucanus chamar *hostia deliganda* á victima que elle offerecia realmente para o sacrificio completo, usando assim uma metonymia talvez em voga, por se referir a um acto preparatorio da morte e não claramente a esta. A fig. 1.^a que copio do livro *La Crète Ancienne* pelo P.^e M. J. Lagrange (Paris 1908, p. 62) mostra que acto era esse de *deligare hostiam*. O monumento em que isto se vê em baixo relevo, tem muito maior antiguidade que a ara de Proença, mas o culto da Lusitania devia ter ceremonias arcaicas, como arcaica era a divindade. Alem d'isto, estes actos religiosos deviam conservar multiplicadas analogias em todos os tempos. Esta hypothese é-me a mais grata.

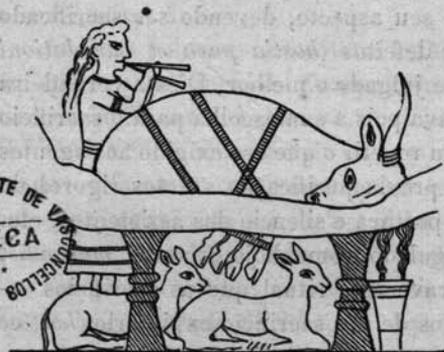


Fig. 1.^a — *Hostia deliganda*
(*La Crète Ancienne*, M. J. Lagrange)

Creio não se poderem adaptar outras hypotheses e outras interpretações aos dizeres d'esta epigrapha, em que ha um deus ao qual se dedica alguma cousa, e um proselito que desempenha esse acto dedicatorio.

O monumento não é rigorosamente uma ara, mas não se pôde negar que não tivesse feito parte de um altar, mais ou menos elevado do chão.

Resta agora precisar a restituição epigraphica da 2.^a linha dentro da formula empregada, isto é, substituir com exacção ou probabilidade o texto perdido. Já vimos que nesta linha faltam apenas cinco ou seis caracteres, dos quaes o ultimo é um T; e já vimos tambem que, em vez de *hostia deliganda* do latim popular, podemos plausivelmente corrigir para *hostiam deligandam*, mais correcto falar.

Não obstante, quero propor uma restituição para o caso de se insistir em ver ali um ablativo.

Seria pois ella:

[DEO RE]VELANGANITAECO
[V · SOLVI]T HOSTIA DELIGANDA
[L]VCANVS ADIEI · F ·

Escusado é traduzir para harmonizar a syntaxe da formula com a manifestação cultural a que a lapide corresponderia¹. A explanação que fiz da liturgia pagã do sacrificio immolatorio creio não collidir com o texto d'est'arte restituído.

Corresponde a esta restituição a epigrapha n.º 2790 do *Corpus*, vol. v (Gallia), na qual se lê:

...cum dono | v(otum) s(olvit) l(ibens) m(erito) |².

Dando-se ao participio *deliganda*, embora se refira a um acto anterior ao sacrificio, o alcance mais lato que eu suggeri acima, o ablativo *hostia* poderia harmonizar-se com restituições analogas a esta. Assim teriamos o dizer da *lex arae Narbonensis* que é o seguinte: *sive quis hostia sacrum facit* (por *fecerit*); teriamos a mesma syntaxe: *vota nuncupavit*... *victimis immolatis in Capitolio*; Hoepli, pp. 75, 77, 78, e ainda nestes exemplos do *Corpus*, VIII, 4585: *hostiis duabus panificiis*

¹ É facil de comprehender que o mesmo sentido podia ser expresso por outra guisa, v. g. *vota nuncupavit* (Hoepli, p. 77), ou outras; escolhi aquella por ser a que melhor se adaptava ao espaço a restituir.

² Veja-se tambem *Corp. Inscr. Lat.*, IX, 1538.

et caeter(is) . . . facienda curavit, e do vol. VI, 499: *taurobolio criobolique perfecto . . . aram dicavit*.

Tomando-se, porém, em sentido rigoroso o termo *deliganda*, seria contraditoria esta restituição.

Vamos agora á hypothese que julgo mais plausivel, a do accusativo.

Aqui a restituição poderá ser realizada por varias fórmãs concordantes.

Assim teriamos:

[DEO RE]VELANGANITAECO

[P O S V I]	}	T HOSTIA(M) DELIGANDA(M)
[D I C A V I]		
[E X · V · D A]		
[A · L · D E D I]		
[P R Æ S T A]		

[L]VCANVS ADIEI · F

Quasi desnecessario é exemplificar o *dicare*, *ex voto dare*, *animo libens dare*, a que poderia juntar *dedicat*, *ex voto dicat*, *donavit*; são formulas que se encontram sem raridade nos varios volumes do *Corpus* que compulsei. Outras analogas ha ainda, que não proponho porque o espaço disponivel é restricto a cinco ou seis letras.

A expressão PRAESTAT é que menos vulgarmente se encontra, mas pelo sentido tambem é adaptavel; significa «fornecer», quasi offerrecer. Lucano forneceu a victima para um sacrificio. O exemplo abonatorio encontra-se na celebre ara narbonense (*Corp. Inscr. Lat.*, XII, 4333) *Pleps narbonen | sium. aram. narbone. in. foro. posuit. ad. | quam. quot. annis. . . . tres equites. romani | a. plebe. et. tres. libertini. hostias. singu | las. immolent. et. colonis. et. inculis. ad | supplicandum. numini. ejus. thus. et. vinum | de. suo. ea. die. praestent. . .*

Assim como nesta ara, em que se estatuiam sacrificios, o incenso e o vinho para as cerimoniaes eram fornecidos ou offerecidos por determinada classe de pessoas, assim tambem na lapide lusitana a victima destinada a ser ligada ou na verdade a ser morta, era ou foi offerecida por Lucano¹. O alcance cultural d'esta expressão confesso, apesar do

¹ O autor por que me tenho guiado, J. Marquardt, diz que as despesas dos sacrificios não eram custeadas pelo patrimonio do deus, mas por particulares ou magistrados (*ob. cit.*, I, 179).

que deixo dito, não o fundamentar tão claramente, como era necessidade. A expressão *deligare hostiam* tem o alto valor de ser inedita.

A minha ultima lição está demais em harmonia com a syntaxe do titulo n.º 3820 do *Corp. Inscr. Lat.*, II, no qual se lê: *Dianae Maximae | vaccam ovem albam porcam | ...ons.....*

Diz Hübner que este titulo póde ser fragmento da lei antiga do templo de Diana, decerto por analogia com outros achados d'este genero. No nosso caso creio que não se dá isto, pois que a lapide não é um fragmento.

Poderia ainda aventar-se talvez uma quinta hypothese, pautada por uma das celebres inscripções de Panoias (*Arch. Port.*, III, 178). Essa a que me refiro, e que a impiedade dos homens já destruiu, começava tambem pelo dativo da divindade; mas o que se seguia, era uma especie de rubrica liturgica em que se designava o logar de cada uma das cerimoniaes dos sacrificios cruentos. Não se descobre ligação grammatical entre a 1.ª e 2.ª parte da epigraphe. Ora na lapide de Proença a presença do nominativo da 3.ª linha com o nome do dedicante estabelece fatalmente ligação grammatical entre todas as partes d'esta inscripção, e portanto obsta a que se separe a 1.ª da 2.ª linha, fazendo a restituição do verbo perdido, que termina em T, com outro que não seja do sentido dos que eu propus¹.

Mas... *satis prata biberunt.*

Segue-se o exame do terceiro verso.

É facil restituir o L de *Lucanus*, nome que não é novo na epigraphia hispanica.

O mesmo não se póde pensar de *Adiei*, genetivo de **Adieius*, termo inedito. Poderei pensar que tem foros preromanos, attendendo a que diz Holder que a particula *ād* celtica corresponde ao *ad* latino, que entra em muitas palavras; alem d'isto, o grupo *ie* define-o o mesmo autor de ligurico. Todavia nem Holder, nem Hübner, registam tão rara palavra. Note-se tambem o tritongo *iei*. Presumpções são estas que apenas me convencem de que o nome do pae do dedicante era indigena, o que bem se coaduna com o culto da divindade que a presente lapide celebriza.

¹ Uma restituição neste sentido consistiria em ver na 2.ª linha uma indicação do logar onde, por exemplo, se escolhia a *hostia deliganda* ou se sujeitava a qualquer cerimonia preliminar de que não nos resta conhecimento. Mas subsistia a difficuldade de explicar o nominativo do terceiro verso.

X

F L A V S
SVRAE · LIB
M · L · V · S ·

FLAVS ·
SVRAE · LIB(ertus)
M(erito) L(ibens) V(otum) S(olvit)

(A uma tal divindade) Flavo liberto de Sura, contente cumpre um voto pelo favor.

Como derradeiro monumento, conserva o Museu Ethnologico a base de uma pequena ara de granito com 0^m,23 de altura e 0^m,23 e 0^m,14 de largura e espessura. No estado em que se encontra estava prestando, na Idanha, o util serviço de rude banco numa abegoaria.

A formula final M · L · V · S · aliás original na ordem das siglas, indica bem inilludivelmente a sua natureza, e talvez possamos chorar,

com a mutilação, a perda *in aeternum* de alguma divindade indigena inedita.

Apenas se lê o nome do dedicante FLAVS e o de SVRA.

Não são novos na península. No *Corpus*, II, ha repetições d'este onomastico. Todavia o segundo passa por celtico. O 1.º vê-se tambem numa ara de Guimarães.

Holder diz que é uma fórmula abreviada de **Sur-ava*

e que cfr. *Surbe*, na Suíça. Segundo D'Arbois de Jubainville, é termo feminino e significa o liquido sagrado, *le sōma*, que corre da prensa. Existem ainda rios com este onomastico, *la Sure*, affluente do Drôme, etc.

Esta persistencia de vocabulos, através de tempos tão longos e de civilizações tão diversas, é um phenomeno que eternamente ha de aguçar a sagacidade da sciencia humana para o estudo da evolução das raças e das civilizações. Que precioso tempo tem malbaratado a humanidade a intrigar-se e atar feridas, em lugar de escrever os seus annaes de paz!



Epilogo

Série onomastica

Divindades	Pessoas
ANOI...	ADIEIus
ARENTIus	BASSVS
BAUDIA...	CABVRA
IOVIS	CAMALus
IOVIS O · M · CONSERVATOR	CHRYSEROS
IVNO	FLAVS
MARS	LVCANVS
REVELANGANIDAEIGVIS	MVN(?)DI...
REVELANGANITAECus	REBVRVS
	RECTVS
	RVFus
	SVNVA
	SVRA
	TANGINus

D'esta onomatologia duplice conclusão resalta: é preromana a quasi totalidade dos nomes de *peessoas*; mais de metade das *divindades* tem a mesma origem. São factos concludentes que demonstram a existencia, na epoca lusitano-romana, de um grupo ethnico estranho á civilização romana; este grupo não era decerto a infima camada social, mas uma aristocracia ou burguezia que se podia permittir o luxo lapidar, introduzido pelos conquistadores latinos.

Dizem os philologistas que este onomastico é celtico: ora os celtas já tinham sido os invasores que precederam dois a tres seculos a conquista romana.

O fundo da população poderia continuar a ser iberico, e digo iberico, onde outros diriam ligurico, para não invadir o campo de uma questão melindrosa; mas as camadas preponderantes na sociedade d'esse tempo eram quasi só de tronco celtico.

Estudei até aqui uma pequenissima parte da collecção epigraphica dos Igeditanos; quando fizer a publicação das dezenas de monumentos que ainda faltam, a conclusão será a mesma que agora pela logica dos factos, mas pela quantidade e proporção será notavelmente confirmada.

Na *civitas Igeditanorum* os nomes celticos sobrepujavam os nomes latinos, como talvez em nenhuma outra cidade da Lusitania. Na importantissima questão do celtismo, esta é a parte da archeologia. *Suum cuique.*